

## ESPAÇO, CULTURA E O URBANO: PARA ALÉM DAS INVISIBILIDADES

*Márlea de Nazaré Sobrinho Costa  
Holdamir M. Gomes  
Carlos Augusto Carneiro Costa*

**Resumo:** Esta pesquisa apresenta um estudo do Cordão do Boi Pingo de Ouro que figura como uma das principais estratégias de intervenção social dos Centros de Referência em Assistência Social-CRAS do município de Abaetetuba-Pa. Para realização da pesquisa, o procedimento metodológico teve-se a pesquisa bibliográfica e descritiva, tendo a fonte oral como principal método de investigação. Por meio do registro das memórias de moradores da localidade pesquisada, foi possível conhecer as diversas experiências vivenciadas e as variadas funções que os Cordões do Boi Pingo de Ouro exerceram naquela comunidade. A investigação é pensada em uma perspectiva interdisciplinar, em que são articuladas contribuições de estudiosos de áreas diversas. A partir disso, constatou-se que manifestações como o Cordão Junino Pingo de Ouro reforça vínculos, memórias e tradições, seja individuais como comunitárias.

**Palavras-chave:** Cultura popular. Memória. Festividade. Cidades. Invisibilidades.

### SPACE, CULTURE AND THE URBAN: BEYOND INVISIBILITIES

**Abstract:** This research presents a study of the Cordão do Boi Pingo de Ouro, which is one of the main social intervention strategies of the Social Assistance Reference Centers (Social Assistance Reference Center - CRAS) in the municipality of Abaetetuba-Pa. To carry out the research, the methodological procedure was based on bibliographical and descriptive research, with oral sources as the main method of investigation. By recording the memories of local residents, it was possible to learn about the various experiences and functions that the Cordões do Boi Pingo de Ouro played in that community. The investigation is designed from an interdisciplinary perspective, in which contributions from scholars from different areas are articulated. From this, it was found that demonstrations such as Cordão Junino Pingo de Ouro reinforce bonds, memories and traditions, whether individual or community.

**Keywords:** Popular culture. Memory. Festivity. Cities. Invisibilities.

### ESPACIO, CULTURA Y LO URBANO: MÁS ALLÁ DE LAS INVISIBILIDADES

**Resumen:** Esta investigación presenta un estudio del Cordão do Boi Pingo de Ouro, que es una de las principales estrategias de intervención social de los Centros de Referencia en Asistencia Social (CRAS) del municipio de Abaetetuba-Pa. Para llevar a cabo la investigación, el procedimiento metodológico se basó en la investigación bibliográfica y descriptiva, con las fuentes orales como principal método de investigación. Mediante el registro de los recuerdos de los residentes locales, fue posible conocer las diversas experiencias y funciones que los Cordões do Boi Pingo de Ouro desempeñaron en esa comunidad. La investigación se diseña desde una perspectiva interdisciplinaria, en la que se articulan aportes de académicos de diferentes áreas. A partir de esto, se constató que manifestaciones como Cordão Junino Pingo de Ouro refuerzan vínculos, memorias y tradiciones, ya sean individuales o comunitarias.

**Palabras-clave:** Cultura popular. Memoria. Fiesta. Ciudades. Invisibilidades.



## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa atém-se as práticas culturais do Cordão Junino Pingo de Ouro, tendo como recorte temporal o ano de 2016 e espacial a cidade de Abaetetuba, cidade interiorana do Pará, através do seu Centro de Referência de Assistência Social (CRAS do bairro de São Sebastião).

Articula conteúdos textuais dos folgedos em questão, trazendo sua enenação como movimento performático, configurando-se como um meio de materialização de variadas formas de expressão da linguagem como mecanismo de demarcação de um lugar de fala historicamente desprestigiado e marginalizado.

Enquanto ordenamento deste trabalho, encontra-se assim construído, além desta apresentação, em seguida apontamos a dimensão metodológica da pesquisa. Depois detalhamos o lócus da pesquisa, trazendo a descrição da cidade de Abaetetuba e o recorte descritivo do CRAS São Sebastião. No último tópico abordamos o contexto do Cordão do Boi Pingo de Ouro, encerrando com as considerações finais.

## 2. MEDIAÇÃO METODOLÓGICA

O estudo guia-se, metodologicamente, pela pesquisa qualitativa, permitindo uma compreensão dinâmica, complexa e dialética das relações entre o universo-mundo real e os sujeitos. Captando práticas, concepções e ações por parte dos sujeitos permeado pelo mundo que o rodeia. Buscando, assim, perceber a interdependência entre o sujeito e o objeto e a indissociabilidade entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTTI, 1998, p. 79).

Dialogando, também, com a dinâmica do desocultamento e visibilidade das estruturas sociais e culturais na permanente e dinâmica relação entre o micro-mundo e o macro-mundo, para tanto trazendo os relatos orais dos participantes, num contexto exploratório onde se realiza a pesquisa através “da observação reiterada e participante do objeto pesquisado, e dos contatos

duradouros com informantes que conhecem esse objeto e emitem juízos sobre ele” (CHIZZOTTI, 1998, p. 81).

Como pesquisa descritiva e de estudo de caso, se traz dados coletados em entrevistas, notas de campo, fotografias, registros documentais, conjunto esse que são analisados em toda sua riqueza e potencialidade no sentido de propiciar uma compreensão mais esclarecedora do objeto de estudo, amparado em Bogdan e Biklen (1994).

Quando da pesquisa do campo, com a utilização da observação participante, do registro de campo, da análise documental e entrevista, obteve-se farta e valiosas informações. A convivência e contato direto com os usuários do CRAS do bairro de São Sebastião em Abaetetuba – PA, permitiu estabelecer um processo fecundo e dinâmico de comunicação e descobertas. Seja através do contato e interação com os agentes do CRAS, moradores da comunidade e movimentos outros dos grupos sociais, trazendo essa dimensão dialógica, sempre complexa e multifacetada, entre tempo, lugar e sujeitos. E através desses elementos uma apreensão interpretativa do objeto em seu contexto, fato que autoriza “a apresentar, didaticamente, as lições apreendidas ou as descobertas feitas” (CHIZZOTTI, 2006, p. 139).

Quanto à pesquisa, do acervo bibliográfico pesquisado, permitiu maior aprofundamento, ampliação e revisão crítica do conhecimento anteriormente produzido em trabalho de campo. Subsidiando assim, o processo descritivo, analítico e interpretativo efetivado.

### **3. CIDADE DE ABAETETUBA E O CRAS SÃO SEBASTIÃO: ENTRE DRAMAS, TRAMAS E TRAUMAS**

A vida nas e das cidades amazônicas encontra-se ligada ao rio, à floresta, à cultura, às suas histórias e seus imaginários. Conforme Oliveira (2006, p. 27), nessas “cidades estão as raízes fincadas no chão, preciosos arquivos culturais do mundo amazônico, que são as dimensões simbólicas de uma cultura que teima em permanecer”.

Por vezes, conforme Oliveira (1999, p. 06), as transformações dessas cidades amazônicas são tão rápidas, devido ao agronegócio, extração de madeira, mineração, ONG's e políticas desenvolvimentistas, que fazem suscitar um novo universo urbano e novas formas de vida e espaços a partir do nada, envolto em complexidades positivas e negativas. São as contradições das espacialidades. "Criam-se espaços artificiais, desprovidos de memória que desprezam a história e a cultura específicas, levando a construção de objetos iguais, independentemente dos lugares onde estão localizados" (Oliveira, 1999, p. 06).

Nestes termos, a análise das cidades, ainda mais amazônicas, é sempre complexa. Para Carlos (2009, p. 57), "a cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta e diferenciada em função de determinações históricas específicas". As cidades nesses processos históricos assumem formas, características e funções distintas. Para tanto devemos considerá-la a partir de diferentes articulações, devendo-se levar em conta a organização política, espacial e social; a estrutura do poder e participação ativa de sua população; a cultura, as classes sociais, a natureza e a repartição das atividades econômica; e como todos estes processos estão imbrincados e ressignifica a dinâmica da (re)organização e (re)produção da cidade.

A cidade amazônica sobre a qual recai esse estudo, denomina-se Abaetetuba, inicialmente chamado de Abaeté. Localiza-se na região Norte do Brasil, no Estado do Pará, pertencente a Mesorregião do Nordeste Paraense e à Microrregião de Cametá, conhecida também como Baixo Tocantins. É uma cidade amazônica composta por 72 (setenta e duas) ilhas que se interligam por inúmeros rios, furos, igarapés. Encontrando-se aproximadamente à 80km de Belém, capital do Estado do Pará.

Figura 1 - Brasil.



Figura 2 - Abaetetuba.



Fonte: IBGE, 2020.

Em relação ao ranking da população dos municípios do Estado do Pará, segundo dados do IBGE (2022), o Município de Abaetetuba é o sétimo mais populoso com 158.188 mil habitantes. Assumindo a 14<sup>o</sup>. posição na região Norte e na 190<sup>o</sup>. colocação no Brasil. Possui uma densidade demográfica de 98,21 habitantes por quilômetro quadrados e uma média de 3,67 moradores por residência.

Com uma área total de 1.611 Km<sup>2</sup>, divididos em Zonas Urbana e Rural (Estrada e Ilhas e Vila de Beja), a área urbana é formada por 13 (treze) bairros constituídos (Centro, Algodal, Cristo Redentor, São Domingos Angélica, Santa Rosa, Francilândia, São Lourenço, São Sebastião, Santa Clara, Aviação, São João, Mutirão, São José), 03 (três) bairros em expansão (Bosque, Castanhal e Jarumã) e a Vila de Beja. A zona rural de Abaetetuba possui 22 ilhas, compostas de 72 comunidades ribeirinhas distribuídas na região.

**Figura 3 - Mapa do Município de Abaetetuba.**

**Fonte: Biblioteca Municipal de Abaetetuba (2020).**

Muito embora possua o quarto maior Produto Interno Bruto (PIB) na região geográfica imediata, segundo dados recentes do IBGE (2022), sendo um dos municípios que mais participam na composição do PIB do Estado do Pará, contata-se um estágio muito distante de atingir uma posição confortável no desenvolvimento regional. Apenas a título exemplificativo, segundo dados divulgados pelo próprio IBGE extraídos do ano de 2010, apenas 16,5% da população possui esgotamento sanitário adequado. A urbanização das vias públicas é de apenas 5,1%.

Frise-se que a cidade é detentora de grande potencial turístico, com uma rica e diversificada cultura e biodiversidade, além de estratégica localização geográfica, fazendo da cidade uma porta de entrada e saída de boa parte da economia dos municípios contíguos. Mas se ressentem de infraestrutura, da falta e precariedade de acesso a serviços básicos como: assistência médica e odontológica, estradas, escolas, abastecimento de água, falta de emprego, sofrível qualidade da educação, exploração sexual de crianças e adolescentes além do crescente índice de violência e aumento do tráfico de drogas.

Considerando essas realidades distintas, são avultantes os variados episódios de violência, intensificados pelos bolsões de pobreza e miséria, acrescidos pelo aprofundamento de outras formas de expressão das

mazelas sociais. Trata-se de uma violência não somente física, mas de uma violência estrutural, simbólica e cotidianamente vivenciada. Realidade muitas vezes não percebida, ou seja, naturalizada e que ancora as relações de poder. De forma exemplificativa, a falta de acesso aos bens necessários para que se tenha qualidade de vida e a precariedade da oferta de políticas públicas para a população condicionam a construção de identidades violentas. Daí emergem as mais diversas expressões da questão social, como o trabalho infantil, a violência sexual, os atos infracionais. São pessoas vítimas de um sistema e que produzem vítimas. Esse é o público que acaba sendo atendido nos CRAS.

Atinente ao Centro de Referência de Assistência Social - São Sebastião (CRAS), localizado em Abaetetuba, frise-se que foi o primeiro CRAS a ser inaugurado na cidade. Precisamente em agosto de 2005, um ano após a aprovação da Política Nacional de Assistência Social- PNAS.

A proposta de trabalho dessa nova configuração da Assistência Social passa a compor um outro conjunto de prerrogativas, como a garantia da equidade, a justiça, a igualdade, a autonomia. Os principais pressupostos dessa política pública ancoram-se na territorialização, na descentralização e na intersetorialidade.

Assim, a Assistência Social passa a ser uma política pública capaz de possibilidades de apreender as diferenças sociais e entender que a população tem necessidades, e capacidades, pautando-se não só nas ausências materiais, como também na pobreza, mas também nas presenças potenciais, como no reconhecimento do indivíduo como sujeito de direitos, identificando forças, possibilidades e não somente fragilidades.

Nos territórios de Abaetetuba, a Assistência Social está presente por meio de 08 (oito) CRAS, todos localizados em territórios que apresentam elevado índice de vulnerabilidade social. Assim, a Proteção Social Básica exige a

capacidade de maior aproximação possível do cotidiano da vida das pessoas, pois é nele que riscos e vulnerabilidades se constituem.

Dos oito CRAS existentes na cidade de Abaetetuba, quatro deles pertencem à área urbana (CRAS Angélica, CRAS São Sebastião, CRAS Algodal e CRAS São Lourenço), três localizados na área rural ilhas (CRAS Quilombo-la, CRAS Polo 7 e CRAS Polo 4) e um na zona rural estradas (CRAS Beja).

Atinente ao CRAS São Sebastião, lócus central dessa pesquisa, conforme Dalmaso (2010) encontra-se instalado em um dos bairros mais vulneráveis do município. Também uma dos menos estruturados, apesar de ter sido o primeiro CRAS a ser inaugurado pela Secretaria Municipal de Assistência Social, precisamente em agosto de 2005.

Este CRAS tem grande experiência acumulada, apesar de a atual equipe técnica estar neste espaço somente desde janeiro de 2009, mas sua história foi resgatada, compilada e descrita em uma cartilha publicada em outubro de 2009 intitulada (DES)EVOLVIMENTO em que o CRAS conta sua história através do depoimento de técnicos, educadores sociais, usuários e outros agentes envolvidos em sua trajetória. A cartilha é ilustrada com diversas fotos de atividades e eventos promovidos ao longo de sua história, trata-se de um retrato do trabalho que continua sendo desenvolvido pela atual equipe (DALMASO, 2010).

Quando da pesquisa do campo, com a utilização da observação participante, do registro de campo, da análise documental e entrevista, obteve-se farta e valiosas informações. A convivência e contato direto com os usuários do CRAS do bairro de São Sebastião em Abaetetuba – PA, permitiu estabelecer um processo fecundo e dinâmico de comunicação e descobertas. Seja através do contato e interação com os agentes do CRAS, moradores da comunidade e movimentos outros dos grupos sociais, trazendo essa dimensão dialógica, sempre complexa e multifacetada, entre tempo, lugar e sujeitos. E através desses elementos uma apreensão interpretativa do objeto em seu contexto, fato que autoriza “a apresentar, didaticamente, as lições apreendidas ou as descobertas feitas” (CHIZZOTTI, 2006, p. 139).



Quanto à pesquisa do acervo bibliográfico pesquisado, permitiu maior aprofundamento, ampliação e revisão crítica do conhecimento anteriormente produzido em trabalho de campo. Subsidiando assim, o processo descritivo, analítico e interpretativo efetivado.

#### 4. ORIGEM, REPRESENTATIVIDADE E VISIBILIDADE DO CORTEJO DO BOI PINGO DE OURO EM ABAETETUBA

*Pingo de Ouro está aqui.  
Ele já chegou.  
Trouxe no pescoço uma fita  
Que eu vou dar para o meu amor  
Vem meu amor  
Vem comigo acompanhar  
O palco, praças e ruas  
Nosso boi se apresentar  
Vamos pular  
Vamos sorrir  
Vamos cantar  
Não maltrate nosso boi  
Que é o melhor boi do lugar.*

A epígrafe acima, destacada da música de entrada do Cordão do Boi Pingo de Ouro, é concebida por uma linguagem que se reveste de signos e representações. No trecho “trouxe no pescoço uma fita para dar para o meu amor”, observa-se que seu significado ultrapassa o valor funcional dos adereços. Certamente a interpretação vai além do sentido decorativo, ela é composta por traços culturais, saberes do povo e seu imaginário.

As tradições festivas fazem parte do imaginário folclórico e cultural de parcelas da população amazônica. Entendendo folclore a partir da sua derivação linguística do ‘folk-lore’, onde o ‘folk’ significa povo e ‘lore’ o saber, sendo compreendido como a sabedoria do povo. No VII Congresso Brasileiro de Folclore, ocorrido na cidade de Salvador da Bahia, no ano de 1995, considerou que folclore pode ser entendido como “o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social”. Encontrando em sua constituição identitária, fatores da manifestação folclórica, tais como: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade.

Diante disso, enquanto expressão cultural e sabedoria local do povo, o Cordão do Boi Pingo de Ouro foi constituído por usuários dos serviços de Assistência Social do bairro São Sebastião. Sujeitos expostos aos mais diversos fatores de exclusão social.

Embora haja poucos registros sobre a sua origem, o surgimento da apresentação do Cordão precisamente no ano de 2016, foi composta por 33 participantes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e trouxe como tema a “Cultura de Paz”. Momento em que se potencializou o uso do texto teatral popular, trazendo a realidade local da comunidade expressa pelas vivências de jovens e adolescentes e suas famílias diante dos problemas sociais que cercavam aquele território.

Em tal cenário, a narrativa conta a história do bairro de São Sebastião, marcado por muitos episódios de violência, e teve como foco os conflitos de gangues que envolviam adolescentes daquela localidade. Assim sendo, no ano de 2016, o Cordão do Boi Pingo de Ouro trouxe à luz um tema atual que envolvia de perto a comunidade – a violência urbana a que estavam expostos os adolescentes que residiam em territórios com alto índice de vulnerabilidade social.

Buscou-se retratar a vida de uma família moradora da região das ilhas de Abaetetuba, formada pelos personagens João, Tereza e seu filho Chico. Na história das suas vidas, estes migram para a área urbana em busca de melhores condições de vida. Ao chegarem à cidade, deparam-se com inúmeros problemas sociais, como a exclusão pela pobreza, a escassez de vagas no mercado de trabalho formal e informal, além dos desafios das estratégias diferenciadas de sobrevivência.

O enredo aborda a história do filho Chico, um adolescente de 17 anos de idade que, para ajudar no sustento da família, vai vender lanche nas ruas. Nesse ambiente, ele se encanta por uma moça chamada Catirina. Para conquistar seu coração, tem, como condição, que entrar para uma gangue. Essa experiência traz sérias consequências para a sua vida e a de sua família.

Entra em cena outro personagem, o Cazumbá, antigo morador do bairro, que pergunta a Chico se ele sabe o que essas gangues fazem. O adolescente responde que não, mas, para ficar perto de Catirina, fará qualquer coisa. Chico é apresentado à gangue e descobre que, para entrar no grupo, terá que passar por algumas tarefas, entre elas, entrar na casa de Seu Belarmino, fazendeiro, homem honrado, turrão e muito religioso que veio morar na zona urbana, trazendo consigo seu boi predileto chamado Pingo de Ouro.

Então é ordenado a Chico que pegue a língua do Boi Pingo de Ouro como prova de sua lealdade. O adolescente para provar o seu amor por Catirina, corta a língua do boi. Nesse contexto, para salvar seu boi de estimação, o fazendeiro busca ajuda na medicina, na religião e também na pajelança. Mas apesar de todas as tentativas, a língua do boi não será reconstituída.

O proprietário do Boi Pingo de Ouro, de nome João, é um homem trabalhador, dedicado a família, tem um filho também com o nome de Chico e uma esposa de nome Tereza. Mas seu João começou a perceber que seu esforço na roça não estava rendendo o mesmo que rendia há tempos atrás. Embora o trabalho tenha aumentado, em compensação o dinheiro havia diminuído.

Determinado dia, seu João que estava na roça, encontra seu compadre que não o via há muito tempo e o chamou para uma conversa. João fala com o compadre sobre o tempo que eles não se viam. Seu Manoel responde que não mora mais na comunidade, e que agora mudou para a cidade, pois a vida no campo estava muito difícil. Afirma também que na cidade seus filhos teriam chances de novas oportunidades, podendo conseguir melhores empregos.

Após, Manoel despede-se, pois sua condução para a cidade já estava passando. Seu João põe-se a pensar em tudo que seu compadre falou. Chegando em casa, chama sua esposa e vocifera: “mulher arruma as malas que estamos indo pra cidade”. Tereza (mulher de João) fica assustada. Então ele conta da conversa que teve com seu compadre e que seria melhor para o

filho Chico ir estudar em uma escola da cidade. Tereza, depois de muito relutar, concorda com o marido em se mudar para a cidade.

Quando na cidade, Seu João começa a perceber que as coisas não seriam fáceis como ele imaginava. Com o pouco de dinheiro que acumulou no trabalho da lavoura conseguiu comprar uma casa na periferia da cidade. Nesse tempo a família foi percebendo como estava sendo a mudança. A paz e a tranquilidade do campo davam lugar ao barulho e a agitação e que conseguir um emprego não seria tão fácil como seu compadre havia verbalizado.

**Figura 4 - Cortejo do Cordão do Boi Pingo de Ouro do CRAS São Sebastião.**



Fonte: Arquivo fotográfico da SEMAS (2016).

Conforme antes sinalizado, o Cordão do Boi Pingo de Ouro trouxe para a cena uma questão muito recorrente no Brasil, a migração. Em Abaetetuba, tem-se a saída do morador da região das ilhas para a região urbana, também chamada de cidade, em busca de melhores oportunidades de trabalho e qualidade de vida. Vislumbra-se uma cidade construída de valores e estereótipos que levam as pessoas a abandonarem seus locais de origem, passando a viver, por vezes, em condições precárias de vida. Numa abordagem dialética simplificada, podemos afirmar que existiam dois mundos bem distintos, um idealizado, sonhado, inclusivo e um outro bem mais real, precário e excludente.

E muitas dessas pessoas que chegam nas cidades em busca de dias melhores, passam a compor o grupo de “excluídos”, concebido no interior de um ambiente urbano. Realidade denunciada pelo geógrafo brasileiro Milton Santos, tendo como consequência originária de uma formação colonial que

impôs uma questionável dinâmica de fabricação de segmentos “sobrantes” para a sociedade, em que a “cidade em si, como relação social e de materialidade, torna-se criadora de pobreza” (SANTOS, 1993, p. 10). E os ‘sobrantes’ são lançados para áreas mais afastadas, passando a viver uma espécie de exílio urbano nas grandes, segregadas e precarizadas periferias, convivendo com a penúria, a escassez de meios de subsistência e a privação da vida urbana.

Constata-se a configuração do modelo atual das cidades pós-modernas e capitalistas tornando-se não apenas fragmentadas, mas também excludentes e desiguais. As geografias das cidades modernas reproduzem a ótica do capital, havendo uma notória segregação social e espacial dos sujeitos, onde a contradição e a injustiça se tornam uma das suas marcas características. Nesses espaços da cidade, dadas as inúmeras circunstâncias, entre elas a desigualdade e a precariedade social, emergem os conflitos sociais característicos dessa nova configuração citadina.

Sendo justamente dentro desse contexto de contradições sociais e espaciais que o Cordão do Boi Pingo de Ouro se situa e manifesta sua arte, seu ritual. Por meio dos mitos e das lendas do imaginário popular, estabelece-se um percurso fundamental da memória individual e coletiva expressa nessa manifestação cultural. Para Praiano (2003, p. 10), os rituais se caracterizam como:

[...] um fenômeno especial da sociedade que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, [...] Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais.

Frise-se que uma das características do Cordão do Boi Pingo de Ouro que o diferencia dos demais Cordões que participaram do Festival de Cordões Juninos é Cortejo. No dia de sua apresentação, um conjunto de personagens, com suas alegorias e adereços, sai pelas ruas levando consigo grupos de moradores do bairro de São Sebastião e do entorno em direção à culminân-

cia na praça Francisco de Azevedo Monteiro, no centro da cidade de Abaetetuba.

Desse modo, a história dessa família de moradores da região das ilhas começa a ser contada desde a saída do cordão do CRAS. E nesse percurso, a cidade vivencia um grande espetáculo a céu aberto, que não se resume apenas em levar diversão ao espectador, mas se utiliza da arte para chamar atenção para as diversas formas de violações de direitos às quais os cidadãos estão submetidos.

A seguir-se esse itinerário, rompendo com a rotina da cidade, o cortejo se utiliza do espaço público para apresentar uma completa integração de elementos da dramaturgia. O Cortejo do Boi Pingo de Ouro é o encontro despreendido de muitos personagens: feirante, dona de casa, comerciante, jovem princesa, caçador, tribo de índios, boi enfeitado de fitas, fadas e bruxas. Um cortejo que chama atenção por onde passa, prestando-se a uma multiplicidade de olhares que se entrecruzam em busca de significado. “É a expressão da criatividade do povo que reelabora, transforma, adapta e recria autos e danças dramáticas de tradição indígena, ibérica, congo-angolana, além de tudo o que mais inventa” (MOURA, 1997, p. 60).

Em algum momento, a música cessa e o “puxador” apresenta para a comunidade o Boi Pingo de Ouro fazendo referência acerca das violações dos direitos humanos e apresenta os componentes para o público, utilizando-se da arte para resistir às violações da vida cotidiana. Em seguida, a música volta a tocar, e o cortejo segue seu percurso.

Esses apontamentos desenham, também, que é nos espaços públicos, ao ar livre e aberto, que ocorre o grande encontro coletivo. Explora-se a música, o colorido, a dança, a alegria, a coreografia, o lúdico. São encontros festivos em que não se impõem profunda ordem, são espaços de liberdade, podendo participar qualquer pessoa, basta seguir a grande multidão pelas ruas da cidade. Trata-se de uma variedade de identidades que se multiplica nos mais variados matizes e perfis, sem critérios de ordem e hierarquia. Não há

exclusão, todos são convidados a participarem dessa grande festividade-cortejo.

**Figura 5 - Cortejo do Cordão do Boi Pingo de Ouro do CRAS São Sebastião.**



Fonte: Arquivo fotográfico da SEMAS (2016).

Devendo ser registrado que a passagem do cortejo, entrelaçando registros e lembranças, enquanto espaço dinâmico de memória, colabora para a recuperação da memória da própria cidade. Para Halbwachs (1990), essa memória coletiva são lembranças reconhecidas e construídas socialmente que transcendem o indivíduo. São as vivas relações entre imagem, lembrança e memória, entre memória individual e memória coletiva, o conceito de confronto de testemunhos, as tensões e a complementaridade entre a história e a memória coletiva.

Para a literatura especializada o conceito de cidade é, por vezes, muito complexo. Envolve-se em certas polêmicas, por vezes interligada às concepções ideológicas de quem o estuda. Dentre os vários autores que se propuseram a investigar tal temática está Corrêa (2011), que assim pondera:

Expressão de processos sociais a cidade reflete as características da sociedade. Esta definição tem o mérito da universalidade, quer em termos de tempo, quer de espaço, enquadrando tanto as cidades cerimoniais da China antiga, as cidades maia e asteca, como o burgo medieval, a cidade colonial e a

metrópole moderna. Esta última constitui-se em um produto da economia de mercado, afetada direta e indiretamente pela industrialização, e da complexa sociedade estratificadas que emerge (CORREA, 2011, p. 121).

É a cidade, enquanto fenômeno urbano, conectando indivíduos, visibilizando sujeitos, construindo e reconhecendo memórias e identidades. Por meio das criações artísticas do cordão, com suas mais diversas formas de expressão, que articulam danças, ritos religiosos, em uma ordem específica de relações de identidades, em que os agentes sociais se encontram destituídos de suas posições anteriores, criam-se novas estratégias de construção, identidades e ressignificações. Nesses espaços, outros signos emergem e aparecem, com maior clareza, as questões de âmbito comunitário, social e político.

Logo, tem-se o entendimento que a cultura do encontro, enquanto modo de pensar, sentir e fazer a cidade, é necessária e imprescindível. E que os espaços públicos são os lugares de encontros por excelência. E não nos referimos a qualquer encontro, mas encontro mediado pelas manifestações culturais que se manifestam em suas diferentes práticas.

[...] visando remir os espaços coletivos como signo da nova cidade, não só como funcionalidade da produção e da circulação, mas como lugar das pessoas. Além disso, deve-se perseguir a busca de um tempo para os encontros que ultrapassem o encontro para a troca. É preciso criar tempos e espaços para a vida em toda a sua dimensão (OLIVEIRA, 2006, p. 29).

E o espaço público conduz não apenas ao simples ato de estar juntos, num mesmo tempo e lugar, com toda sua diversidade étnica, socio-ideológica, cultural, etc., sendo o encontro das diferenças e da diversidade, mas também ser a junção de pessoas num espaço temporal em comum e que podem se (re)conhecer por meio de uma manifestação participativa, lúdica e festiva. Conforme Abreu (*apud* POULET, 2012, p. 25): “Graças à memória, o tempo não está perdido, e, se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado, está o espaço reencontrado”.



Oportunidade em que não se percebe como o encontro dos 'iguais', senão dos diferentes, mas tendo um objetivo comum que aproxima sem perdê-los, distanciá-los ou invisibilizá-los.

## 5. (IN)VISIBILIDADES PERIFÉRICAS NA CIDADE

O Cordão Junino do Cordão Pingo de Ouro, em Abaetetuba, conduz a união e aos 'nós' de diferentes pessoas. É fator catalizador de diferentes sociabilidades, tornando o tempo festivo-cultural uma experiência de partilha dos espaços, de um caos organizado, participativo, interativo e representativo.

Daí a importância de momentos em fazer, sentir e viver a cidade. Respalda-a com um caráter histórico-geográfico representativo, conferindo àquele espaço, naquele tempo e lugar, um caráter memorial, remetendo à valorização e ressignificação da sua constituição histórica, agregando às relações de pertencimento, fruto das espacialidades construídas nestes lugares.

Pois, em contrapartida, com a privatização acentuada dos espaços, que os poucos espaços que ainda são públicos têm se transformado em lugares de exclusão, restrição, homogeneização. E as expressões culturais, sobretudo advindas dos bairros periféricos, são subjugadas, ou recebendo uma valorização pontual e inexpressiva.

O encontro cultural e popular em tela traz a dimensão que além de viver a cidade, também possa se propor junto com outros, com suas diferenças, procurar outros modos mais coletivos de viver e fazer a cidade, trazendo luz e potencialidade das políticas urbanas.

Podendo ser ter nas práticas culturais do Cordão do Boi Pingo de Ouro, em Abaetetuba, um exemplo da potência concreta da importância do estar junto coletivo, mesmo nas diferenças. Um encontro de corpos, que também são corpos políticos, envolto na produção de outras maneiras de pensar, viver e habitar a cidade. Produzindo e expandindo o seu repertório de possibilida-

des, fazendo da cidade um espaço público mais inclusivo, democrático e relacional.

Parafraseando Abreu (1998) é a potencialidade da cidade, enquanto espaço público privilegiado, ligar indivíduos, famílias e grupos sociais entre si. Não permitindo “que as suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão ancoragem no espaço” (ABREU, 1998, p. 86).

É a cidade detendo a capacidade de abrigar e multiplicar o encontro de sujeitos, etnicidades, lugares e relações. Redesenhando novas formas de sociabilidade no espaço social, passando a se ter, também, segundo Agier (2011), uma dimensão política quando na rua passa a ser um espaço de criação cultural, fazendo emergir questões de âmbito comunitário, social e político.

Daí a importância de sempre se estar a recriar e reinventar a cidade a partir da participação política e cultural da população. Pois, para Carlos (2009, p. 57) a cidade “não pode ser analisada como um fenômeno pronto e acabado, pois as formas que a cidade assume ganham dinamismo ao longo do processo histórico”.

Sob tal horizonte apontar também que movimentos como esses, do Cordão do Pingo de Ouro em Abaetetuba, dão luz a grupos subalternizados, que por vezes estão expostos aos mais diversos modos de violência em sua vida cotidiana. Violências que rompem raízes, fragilizando vínculos culturais, afetivos, familiares e comunitários.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa atém-se as práticas culturais do Cordão do Boi Pingo de Ouro, tendo como recorte temporal o ano de 2016 e espacial a cidade de Abaetetuba, cidade interiorana do Pará, através do seu Centro de Referência de Assistência Social – CRAS do bairro de São Sebastião.

Por se tratar de um estudo reflexivo, enquadrado em um campo de

conclusões sempre limitadas e passíveis de questionamentos e revisões, admite a legitimidade de outras possibilidades de abordagem do objeto e, assim, pretende encerrar essas considerações com apontamentos de outros caminhos investigativos sobre os Cordões Juninos.

O referido estudo aponta novos caminhos investigativos acerca dos Cordões Juninos, dentre eles, a territorialidade. O território como espaço de convivência entre as pessoas, as quais possuem atitudes diferenciadas e convivem com as suas mais diversas formas de poder que se materializam no cotidiano e determinam práticas distintas entre os agentes sociais que participam dos Cordões Juninos, mas possuem interesses comuns. Como observa Milton Santos, “o território não é apenas um conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade” (SANTOS, 2007, p. 14). Assim, cada agente social tem a capacidade de realizar resultados para o alcance de seus interesses.

Portanto observou-se, neste estudo, que os *Cordões Juninos* produzem território com hierarquias internas, com disputas e conflitos. O poder pode ser traduzido e representado em vários contextos. constroem-se práticas formativas de relação de dominação determinadas na forma como a territorialidade é produzida.

Utilizar uma manifestação cultural como prática motivadora de intervenção social no trabalho dos CRAS foi, sem dúvida alguma, um desafio. Isso tudo comprova que as atividades realizadas em grupos para promover a integração, a troca de experiências entre os participantes e a valorização do sentido de vida coletiva foram um ponto de partida para o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Revista da Faculdade de Letras** — Geografia I série, Vol. XIV, Porto, pp. 77-97, 1998.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos seus métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Cidade uma perspectiva histórica. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8º ed. Cap. 4. São Paulo: Contexto, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

SEMINÁRIO NACIONAL DO ENSINO DA MEDICINA VETERINÁRIA, 6., 1997, Recife. Anais... Brasília: Conselho Federal de Medicina Veterinária / Comissão Nacional de Ensino da Medicina Veterinária, 1997. 121p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajelórias geográficas**. Prefácio Milton Santos. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. "A cultura amazônica e suas múltiplas vozes". In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas** (volume 3). São Paulo: Escrituras Editora, 2000, pp. 369-378.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. "Amazônia: 500 anos de poética do imaginário". In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas** (volume 3). São Paulo: Escrituras Editora, 2000, pp. 327-334.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. "Pássaro da Terra". In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas** (volume 3). São Paulo: Escrituras Editora, 2000, pp. 9-80.

OLIVEIRA, José Ademir de. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. **Revista Ciência e Cultura**. [on line]. ISSN 0009-6275. Vol. 58, n. 3. p. 27-29, 2006.

OLIVEIRA, José Aldemir. As pequenas cidades da Amazônia: espaços perdidos e reencontrados. In: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Adette Carvalho de Lima. **O espaço no fim do século**: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Territórios, territórios ensaios sobre o reordenamento**

**territorial.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo no Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

---

#### **SOBRE OS AUTORES:**

##### **Márlea de Nazaré Sobrinho Costa**

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Assistente Social e professora universitária.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1228-726X>

E-mail: [marleasobrinho0@gmail.com](mailto:marleasobrinho0@gmail.com)

##### **Holdamir M. Gomes**

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em História. Bacharel em Direito.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8204-9291>

E-mail: [hdamirmg@gmail.com](mailto:hdamirmg@gmail.com)

##### **Carlos Augusto Carneiro Costa**

Doutor e professor em Estudos Literários na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

E-mail: [cac@unifesspa.edu.br](mailto:cac@unifesspa.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2085-6338>

**Artigo recebido em: 23 set. 2023. | Artigo aprovado em: 10 dez. 2023.**